

# Borbulhas de humor

João Pedro Carvalho

Exibido em restritos horários de pré-estreias desde o Natal, chega oficialmente aos cinemas *Bob Esponja: Em busca da calça quadrada*. No novo filme, de Derek Drymon, o Esponja tem a missão de provar que é maduro. O cineasta é veterano no universo Bob Esponja, e o filme aposta em uma narrativa clássica de amadurecimento, ainda que assumidamente clichê. A história gira em torno do desejo de Bob de conquistar um certificado de aventureiro, semelhante ao do seu chefe, e da promessa feita pelo Holandês Voador, que vê na ingenuidade da esponja uma oportunidade de se libertar de um

PARAMOUNT/ DIVULGAÇÃO



**Bob Esponja: Em busca da calça quadrada**

antigo feitiço. O fio-condutor é traçado pelo humor.

Em busca da calça quadrada funciona como uma verdadeira metralhadora de piadas, em sequência quase ininterrupta, apostando em um humor bobo, inocente e extremamente eficaz, característica que consagrou a animação desde sua estreia na televisão, em 1999. As

situações absurdas, os diálogos nonsense e o carisma dos personagens garantem boas gargalhadas tanto para o público infantil quanto para os adultos.

Outro destaque é a dublagem brasileira, com o timing cômico das piadas. Visualmente, o filme também impressiona graças a uma estética vibrante e criativa, que valoriza

o universo submarino e amplia a experiência cinematográfica. No fim das contas, Bob Esponja entrega exatamente o que promete: diversão leve, risadas sinceras e uma aventura que reafirma por que o personagem segue relevante após mais de duas décadas.

**\*Estagiário sob a supervisão de Nahima Maciel**

**Crítica // Jovens mães ★★★**

## Acolhimento áspero

Ricardo Daehn

Há 20 anos, à frente de *Meninas*, a brasileira Sandra Werneck lançou o documentário duro sobre a realidade de moças grávidas em alto ambiente de risco. Naquela época, os celebrados irmãos e cineastas Jean-Pierre e Luc Dardenne estreavam *A criança*, filme em que um casal usava um bebê como moeda de troca em ciranda de atos ilícitos. Anos após denunciar o desemprego (*Dois dias, uma noite*), o submundo do comércio (*O silêncio de Lorna*), relações com adoções (*O garoto da bicicleta* e *O filho*), os Dardenne exploram, no bom sentido, uma rede de cuidados ligada à maternidade.

Vencedor do prêmio de

melhor roteiro no Festival de Cannes, o longa belga disputou vaga nos pré-selecionados no Oscar 2026 (em que o brasileiro *O agente secreto* segue). Jovens mães é tão áspero quanto realista: solitárias, as mães de primeira viagem ganham o respaldo de um lar comunitário no qual formalizam amizades superficiais e atenção paliativa. Desinteressados de melodrama, os Dardenne optam pela edição seca (de Marie Helénè Dozo), incapaz de dar liga e integração ao convívio das mães do filme. Preza-se, daí, cada enredo desgarrado, com quê individual.

Em *Jovens mães*, há bela canção que saúda as flores de urze (nascidas em arbustos comuns, que brotam ao

VITRINE FILMES/DIVULGAÇÃO



**Jovens mães: as atrizes Janaina Halloy Fokan e Christelle Cornil, ao lado do bebê batizado de Lili (no filme)**

acaso), descritas no poema *O adeus*. Até a citada sequência, muita coisa na tela acusa dor. Jessica (Babette Verbeek) pretende conhecer a mãe, papel de India Hair, e entender a razão de ter sido rejeitada enquanto bebê. Janaina Halloy Fokan dá vida na tela a Ariane, filha da personagem de Christelle Cornil, carente e dependente de álcool, além de apegada à neta, às vias de ser doada.

No filme, as tramas mais marcantes são as de Perla (a convincente etíope e estreadante Lucie Laurelle) e as de Julie (Elsa Houben) e Dylan (Jef Jacobs), beneficiados com o nascimento de Mía, mas abalados pela dependência química de Julie. Por fim, o filme é feliz ao revelar o poder de ensinamentos permanentes, mas dificilmente o espectador esquecerá da crueldade involuntária da pequena e risonha Lili.